

PERTO DE VIENA

Após a viagem à Rússia, tivemos uma semana de permanência em Viena, para participar do 54^o. International Congress of Americanists (ICA) e, em seguida, uma viagem de cinco dias, com Renato e Denise, pela Alemanha (Salzburg, Munique e Stuttgart). Foram dias intensos e nem houve oportunidade de alguns registros neste diário de viagem, embora muitos aspectos tenham chamado atenção.

Para terminar este período de 20 e poucos dias na Europa, Eliseu e eu escolhemos ficar nossas duas últimas noites em algum lugar perto de Viena. Esta qualificação não é das melhores, porque *perto* ou *longe* são sempre atributos muito relativos. O correto seria falar que quisemos conhecer um pouco dos “environs” de Viena. Infelizmente, não há nada, em língua portuguesa, que possa traduzir esta idéia. Os arredores, o subúrbio ou, ainda, a periferia são expressões que têm histórias diferentes e, portanto, designam outros conteúdos, que não seriam adequados para falar da Áustria. Assim, o que vimos neste finalzinho de viagem foi mesmo “les environs” de Viena.

Estamos hospedados em Klosterneuburg, ao norte da capital austríaca e componente de sua área metropolitana. Tem um pouco mais de 30 mil habitantes e foi sede do poder durante a Dinastia Babenberg. Foi Leopoldo III quem ergueu nesta localização, no século XII, seu castelo e uma bela igreja. Esta foi, várias vezes, alterada nos séculos XVII e XVIII, por isso, ao seu estilo românico, acrescentam-se elementos do barroco. O que chama atenção nesse conjunto arquitetônico é o sítio em acrópole escolhido para a implantação das duas construções, de onde se pode avistar o centro de Viena.

A escolha desta cidade para hospedagem não decorreu destes aspectos, mas sim de termos encontrado no site www.booking.com, um hotel que funciona em edifício do século XIII e leva o nome de Schrannehof. Para nós brasileiros, de 500

e poucos anos de história, é sempre instigante ocupar essas construções de sete ou oito séculos. O hotel se localiza exatamente em frente à estação ferroviária que, hoje, funciona como ponto de ligação cotidiana com a capital, porque é possível observar que as construções mais recentes desta cidade são edifícios de cinco ou seis andares, onde devem morar pessoas que trabalham ou estudam no centro da metrópole, já que a frequência dos trens, em termos de horário, é grande e o entre e sai de gente dos vagões, sem malas, denuncia deslocamentos pendulares.

A jovem que nos atende, esforçando-se bastante para buscar o vocabulário adequado para responder nossas questões em inglês, ajuda a cuidar do hotel que está com a família desde seu bisavô. Deu as explicações, ensinou a entrar na garagem e, depois, nos apresentou os nossos aposentos, compostos de um quarto, de pequena cozinha e um banheiro grande. No dia seguinte, pela manhã, ela estava vestida com roupas típicas ajudando no café da manhã, que é servido numa sala que deve ter sido, no passado, o porão da casa, como se depreende pela posição abaixo do piso principal, pelas largas paredes de pedra que são a estrutura da edificação e pelo teto em abóbada, conformando por arcos que sustentam os dois andares superiores.

Vendo o cuidado com que o hotel está organizado, com vários cantinhos no jardim; a decoração adequada ao estilo do prédio e a este ambiente urbano, quase rural; a qualidade do café da manhã e o capricho nas mesas; lembro-me de um aspecto que sempre se destaca na Europa: o grande número de negócios familiares, em que se percebe toda atenção dos “donos” na condução dos empreendimentos. Pelos traços da jovem Francesca, pelo cuidados de suas mãos, pela forma de se vestir e pelo fato de ser herdeira desta propriedade vê-se que se trata do que, no Brasil, qualificaríamos de classe média alta. No entanto, está diariamente trabalhando neste negócio, desempenhando tarefas rotineiras. Em nosso país, isso dificilmente ocorreria, pois uma jovem deste segmento social dificilmente trabalha e muito menos realizando tarefas tão simples.

O passeio procurando conhecer um pouco do que está em torno de Viena acaba nos surpreendendo muito positivamente. Entre algumas possibilidades indicadas no Guia Visual Folha de São Paulo, escolhemos pontos que estão na região denominada Baixa Áustria e Burgenland que, apesar do adjetivo baixa, fica de fato no setor leste/nordeste do país, aquele em que se localiza a capital.

Começamos por Eisenstadt, a 50 km ao sul de Viena. Uma cidade de 12.400 habitantes, que se tornou capital de província de Burgenland, em 1925, quando a cidade de Ödenburg, hoje Sopron, passou para o outro lado da fronteira da Hungria. Fico supondo que, hoje, além da função turística associada a este passado cheio de história, a cidade tem algum papel regional importante, pois seu comércio é diversificado, comparado ao de Klosterneuburg que, embora tenha população duas vezes e meia maior, está bastante integrada à aglomeração metropolitana.

O que notabiliza Eisenstadt? O enorme castelo construído pela Família Esterházy, cercado por extenso jardim inglês e vasta área bosqueada. Esta majestosa edificação, hoje, tem usos múltiplos: abriga parte da administração pública provincial; o Landesmuseum, que contém móveis, porcelana e outros objetos que eram usado pela família que habitou este palácio; um museu do vinho regional; e, ainda, um museu dedicado à história do grande músico Josef Haydn, que foi contratado pelos Esterházy para ser diretor musical da orquestra que se apresentava à família e convidados no salão principal do palácio. Aliás, este ambiente é o que mais chama atenção quando se visita o atual museu, pela maravilha dos afrescos que estão em seu teto.

As salas dedicadas à memória de Haydn e de sua música têm um tratamento museológico muito bom. Há imagens sendo projetadas em várias paredes e no teto, ouve-se as músicas do grande compositor em vários ambientes, está ocorrendo a exposição da filmagem da representação teatral de uma ópera, tudo ambientado numa decoração pós-moderna, bem colorida, cujo contraste com

os instrumentos, pautas musicais e pinturas antigas, acaba valorizando as obras expostas.

Passeamos, em seguida, pelas ruas de pedestres cheias de flores coloridas. Por todo lado, essa profusão de flores e cores ajuda a compreender como austríacos e moradores de outros países europeus do centro e do norte valorizam o verão que é, afinal, uma estação pequena diante do período maior em que predominam baixas temperaturas.

Passamos por um pequeno supermercado, bem abastecido em quantidade e qualidade de alimentos. Compramos um queijo *camembert* (francês), umas batatas fritas Pringles (de origem estadunidense), um vinho branco frisante numa latinha de 200 ml (fabricado na Alemanha), uma garrafinha de coca cola (será que ainda podemos falar de uma nacionalidade desse refrigerante?) e já temos pronto o nosso lanche globalizado, que acabou sendo degustado num ponto da estrada, em parque aberto à visitação, que compõe grande área verde em torno de um castelo e uma igreja em ruínas.

De novo, fazemos comparações com o Brasil. Onde podemos parar nas estradas para fazer um lanche, à sombra de árvores, ter mesas e bancos nos esperando e um espaço para caminhar e esticar as canelas?

Seguimos em direção a Baden bei Wien, que todos chamam de Baden. Esta cidade de quase 30 mil habitantes fica perto dos Bosques de Viena, extensa área a sudoeste da capital. Baden significa “banhos”, o que tem a ver com a origem da ocupação deste sítio, para banhos termais pelos romanos (sempre eles por todo lugar neste Velho Mundo). O Imperador Marco Aurélio gostava muito das propriedades sulfúricas da água que aí existe.

Hoje, 26 de julho de 2012, muita gente está nesta cidade, porque as férias de verão estão começando. Entramos nas termas, só para ver, e há gente demais na piscina. Não há tantos jovens entre 15 e 25 anos, pois predominam mães com crianças pequenas, casais de meia idade e outros com idade avançada. Olho de

um lado, olho do outro e não vejo ninguém esbelto. Aqui na Áustria, como na Alemanha e na Rússia, é difícil ver mulheres ou homens de mais de 30 anos magros. Como o inverno é longo, é fácil deduzir que o esporte preferido nesses meses é comer. Além disso, a dieta é essencialmente baseada na carne de porco e derivados, na batata e nos pães. Ah!, estes sim são a maravilha da Áustria. Os franceses que me desculpem, mas os austríacos passam na frente neste quesito, tanto no que se refere à qualidade quanto à diversidade: há dos mais claros aos mais escuros, dos grãos finos aos grãos duros, dos de casquinha macia aos de casca grossa, com ou sem gergelim, amêndoas ou outras sementes. Desde a primeira vez que estivemos neste país, em 2006, já tínhamos ficado encantados com a maravilha dos cafés da manhã servidos nos hotéis. Desta vez não foi diferente. Até mesmo champanhe, como vimos na Rússia, é servida na primeira refeição do dia, com salmon e outros tipos de carnes defumadas. Além disso tudo, há confeitarias por todo canto e, por volta das 17h, as mesas ficam todas ocupadas para um bom chá ou café com uma larga fatia de torta doce.

Voltemos a Baden. Além das termas, a cidade tem um lindo palácio onde está instalado um Cassino. Não sabia que o jogo era permitido na Áustria. Em frente à grande construção, há um coreto onde uma pequena orquestra toca Haydn para um público sentado ao ar livre, nas cadeiras dispostas para a apresentação e em muitos outros bancos que há no parque.

Fico observando os tipos humanos que aí estão. É possível, mesmo antes que eles abram a boca, reconhecer os italianos. São sempre de uma elegância um pouco extravagante, ao contrário dos franceses que exercem essa qualidade de modo discreto. Os italianos gostam de sapatos mocassins sem meia, as italianas tão bronzeadas como eles, estão exibindo o tom da pele em roupas brancas nas quais se destaca o ouro das pulseiras, colares e brincos, salpicados de pedras turquesas ou vermelhas. Os franceses gostam do tom sobre tom, por isso as mulheres se vestem com camisetas rosas e acessórios *pinks* e os homens adoram o *bleu-blanc-rouge*.

Os que suponho que sejam holandeses, alemães, austríacos e húngaros não estão nem aí para a elegância. Sandália com meia e camisa larga é a preferência de homens e mulheres com suas bermudas cor de cáqui, seus cabelos pouco penteados e suas mochilas a tiracolo.

Há japoneses por todo lado. As mulheres estão sempre juvenis demais, com a cabeça coberta com chapeuzinhos de pano ou palha. Os homens, como sempre, carregando suas super máquinas fotográficas...

Os muito jovens (já nem sei de que nacionalidades) estão com os cabelos repicados, muitos deles com uma mecha vermelha ou azul ou roxa.

Terminamos o dia em Laxenburg, que é tão pequena que sua população não está registrada no guia. Fica a 15 km de Viena e é muito utilizada, pelos moradores da capital, para passeios de um dia. Inicialmente, era apenas um aglomerado de cabanas que apoiavam a prática da caça. O pequeno núcleo foi destruído durante a Guerra com a Turquia, mas foi recuperado no século XVII e se tornou um dos endereços preferidos da Imperatriz Maria Tereza, que ocupava o palácio que está no meio do parque projetado em estilo inglês e chamado de Schlosspark. É considerado um dos maiores da Europa. Mal conseguimos dar uma volta no que deve ser uma pequena parte do grande extensão e o céu escureceu completamente anunciando uma violenta chuva que acabou não ocorrendo de fato.

Ficamos observando várias mães que deixam o parque com seus carrinhos de bebê. Nossa impressão é que houve um *boom* de natalidade por aqui, uma vez que não vemos tantas crianças entre três e dez anos, como há até os três anos.

O bom deste passeio pelos arredores de Viena, foi ver a área rural. Predominam os girassóis, as videiras e os milharais. Tudo milimetricamente cultivado. As cidades pequenas estão presentes a cada cinco ou 10 km, com suas casas super arrumadas. Parece que metade do país está aproveitando o começo do sol intenso

para concertar seus telhados e acabar os arranjos de flores nos jardins e jardineiras.

Aqui e ali, as placas aparecem escritas em alemão e húngaro, mostrando a origem da região e as relações que ainda deve manter com a Hungria. Como o húngaro usa vários acentos diferentes e alguns caracteres que não temos no nosso alfabeto é curioso.

Olhando os campos da Áustria, fico achando que este país, em termos de paisagem e arranjos espaciais é uma espécie de mistura entre a França, a Suíça e a Alemanha. Uma boa mistura!

Julho de 2012

Carminha Beltrão